

**ENTWURF DE UMA TRADUÇÃO:
GABBI JR. TRADUZ FREUD¹**

Zelina Márcia Pereira BEATO

O original oferece-se na modificação de si mesmo; esse presente não é um objeto dado; ele vive e continua na mutação: 'pois em sua sobrevida, que não mereceria esse nome se não fosse mutação e renovação de alguma coisa viva, o original é modificado. Mesmo para as palavras que estão solidificadas há ainda uma pós-maturação.'

Jacques Derrida
Des Tours de Babel

RESUMO A partir da análise de uma tradução realizada por Osmyr Faria Gabbi Jr., dos manuscritos freudianos de Entwurf einer Psychologie, esta dissertação aborda a delicada relação do homem com a linguagem, especialmente se essa relação se dá no interior de um evento que coloca juntas a tradução e a psicanálise. Esta dissertação examina os recursos tradutórios dos quais Gabbi Jr. lançou mão para com eles tentar realizar o seu declarado projeto: localizar na estrutura de Entwurf as idéias filosóficas de Stuart Mill e, ao mesmo tempo, desautorizar outras leituras, que na sua opinião contribuem para uma visão equivocada dessa obra. A partir da perspectiva desconstrutivista de Jacques Derrida, que reflete sobre o caráter transformador da tradução, e das idéias de Nicholas Abraham acerca da natureza anassêmica do discurso freudiano, minha dissertação localiza na tradução de Gabbi Jr. os traços que apontam que o tradutor, em sua relação com o texto original freudiano, está sob o domínio do jogo sempre proposto pela linguagem. Diante do original, longe de poder revirar suas entranhas e arrancar-lhe a origem, o tradutor está, na verdade, sob o domínio do jogo de promessas proposto pela língua, suportando o double bind e sendo assombrado pelo discurso anassêmico de Freud. Afinal, no derradeiro limite entre a promessa e o projeto, entre o que é prometido e o que é realizado, encontra-se o tradutor e seu ofício, a quem não é

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Lingüística Aplicada, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 1º de novembro de 2000, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni.

dado fugir desse jogo, livrar-se dessa paixão imposta pelo double bind, esquivar-se do assombro da anassemia, senão deixar-se à deriva da promessa para no seu encaço, como em busca do sonho, realizar aquilo que acredito ser sua tarefa singular: dar sobrevida a um e a todos os textos.

SUMMARY *Analyzing the translation of the manuscripts of Entwurf einer Psychologie made by Osmyr Faria Gabbi Jr., this dissertation approaches the delicate relation between man and language, specially if this relationship takes place in the interior of such an event which draws together translation and psychoanalysis. This thesis examine the translation devices used by Gabbi Jr. when trying to fullfil his so said project: to spot the philosophical ideas of Stuart Mill in the structure of Entwurf. At the same time throught his translation, Gabbi Jr. hopes to discredit other readings that, in his opinion, contribute to a misinterpretation of such work. From the interior of Derrida's deconstruction and his reflections about the way trnaslation transforms the original, and also taking into account Nicholas Abraham's ideas about the anassemic condition of Freud's language, my work points out in Gabbi Jr.'s translation the traces that shows how the translator deals with Freud's originals. Far from being able to get into its guts and getting there the origem, the translator is, in fact, within the game of promisses proposed by any language, supporting the double bind and being haunted the the anassemic discourse of Freud. Finally, in the very far limits between promisses and project, between what is promised and what is accomplished we find the translator and his/her task. Language is the game he/she is not allowed to escape from, it is the passion he/she is not permitted to get rid of, it is the language haunted by the anasemy that keeps the translator captive in the process of translation necessity and impossibility. All the translator is allowed is to pursue this promise, as if chasing a dream. This is what I name the singular character of his/her task: to promote the survival of one and of all texts.*

Essa dissertação, feita a partir da perspectiva da tradução, busca tornar detectáveis os conflitos que surgem na delicada relação do homem com a linguagem, do tradutor e as línguas do original e da tradução, e, de forma especial, quando o texto a ser traduzido é um texto de psicanálise. Nesse sentido, justifica-se a relevância deste trabalho, tanto no que pode contribuir para os estudos da tradução, quanto nos questionamentos que pode suscitar em relação à tradução do texto psicanalítico.

Nesse trânsito, entre a língua estrangeira e a língua materna, o tradutor se vê às voltas com uma série de questões que lhe são impostas tanto pela dinâmica tradutória, quanto pelo saber psicanalítico. São questões que, inevitavelmente, surgem da impossibilidade de um acesso cirúrgico a uma suposta verdade original. Essa reflexão é importada dos textos, principalmente, de Jacques Derrida e Nicholas

Abraham, que costuram suas idéias em torno de original, tradução, linguagem e psicanálise. Como contraponto a essas reflexões, alguns autores se agregam, especialmente: Jean Laplanche, Ginette Michaud, Patrick Mahony e Martin Thom. Nesse encontro entre a tradução e a psicanálise, as especificidades de ambas se entrelaçam e fazem surgir questões próprias que marcam de maneira bem localizada o que é o acontecimento tradutório de um texto de Freud. Em resumo, meus questionamentos em relação à tradução ressoam mais contundentes quando o original a ser traduzido é um texto da obra freudiana

A partir da perspectiva da desconstrução, que desestabiliza a noção de original como verdade e a tradução como seu resgate, busco demarcar como o tradutor, no trato com o original, vê-se arrebatado pelo *double bind*. É na tentativa de domar a linguagem do original que o tradutor deixa sinais de estar sofrendo o que chamamos a dupla lei da tradução, a necessidade e a impossibilidade de realizar o que deve permanecer no campo da promessa.

Ao examinar a tradução do texto *Entwurf einer Psychologie* (Projeto de uma Psicologia), feita por Osmyr Faria Gabbi Jr., busquei identificar os contornos que tais questões adquirem quando o texto a ser traduzido traz a assinatura de Sigmund Freud. Se toda relação do tradutor com o original já nasce marcada pela necessidade de negociação de significados justo porque essa relação se dá em torno das línguas materna e estrangeira, quando o acontecimento tradutório toma forma a partir do texto psicanalítico, além de sofrer o *double bind*, outra questão vem à tona nesse acontecimento, a natureza anassêmica do discurso freudiano.

No caso dessa tradução em especial, Gabbi Jr. dá sinais de estar à mercê desse jogo proposto pela linguagem de Freud quando declara que o objetivo de sua tradução é propor uma leitura filosófica da obra que traduz. Na necessidade de localizar as idéias filosóficas de Stuart Mill no texto do *Projeto* de Freud, o tradutor lança mão de vários recursos, que chamaria de estratégias tradutórias, que, ao contrário de realizar seu projeto de apontar Mill em Freud, o que fazem é mostrar a impossibilidade de levá-lo a cabo, da forma como fora prometido.

É importante aqui esclarecer que meus questionamentos se restringem ao que, no livro, apareceu no espaço textual a que chamamos de *notas do tradutor*. Não foi feita nenhuma comparação textual entre o original de Freud e a tradução de Gabbi Jr., até porque nunca foi esse o propósito da dissertação. Nesse sentido, portanto, em nenhum momento estive em foco a suposta “qualidade” da tradução, mas tão somente as questões que marcam o acontecimento tradutório e que, certamente, estão aquém do controle consciente do tradutor.

Se o texto freudiano é considerado um texto sagrado, se a linguagem de Freud transforma seu saber num discurso anassêmico e alusivo, se o saber psicanalítico resiste às tentativas de sistematização, essa relação do tradutor com o original freudiano revela uma relação especial. É exatamente essa relação que busquei localizar na tradução de Gabbi Jr..

OS PROJETOS

Além de apresentar os textos sobre os quais me debrucei: o original de Freud e a tradução feita por Gabbi Jr., incluindo aí as notas e os objetivos para elas anunciados, de início, minha intenção foi apresentar e refletir sobre o projeto tradutório de Gabbi Jr., qual seja localizar as idéias de Mill na estrutura do modelo neurológico exposto em *Entwurf*. Nessa análise, procuro apontar que, a despeito de seus esforços, há um descompasso entre o que anuncia o projeto filosófico de Gabbi Jr. e o que realiza a sua tradução. Por uma conveniência argumentativa, faço aqui uma distinção entre Gabbi Jr. filósofo e tradutor.

O objetivo declarado de Gabbi Jr., ao propor uma nova tradução de *Entwurf*, incluindo em seu texto um número significativo de N. de T. - 531 ao todo - é, em princípio, entender o manuscrito de Freud, buscando em seu texto vestígios que comprovem que ele usou pressupostos filosóficos importados do pensamento milliano. Nessas notas, de uma maneira geral, o tradutor busca “mapear” essa influência do filósofo inglês, ao mesmo tempo em que faz reflexões sobre as implicações que tais idéias acarretaram para o modelo freudiano.

O tradutor Gabbi Jr., ao se entregar a essa tarefa proposta pelo filósofo Gabbi Jr., não pode cumprir seu propósito de resgate. O que se vê nas N. do T. é um descompasso entre o que busca o filósofo e o que realiza o tradutor; é um deslocamento entre o que declara um e o que descreve o outro. O filósofo declara o que quer dizer, mas o que faz o tradutor é descrever o que não quer dizer. Gabbi Jr., filósofo, argumenta que suas notas pretendem apontar no texto do *Projeto* os vestígios do pensamento milliano. Entretanto, as evidências que Gabbi Jr. apresenta, ao contrário de aproximar Freud e Mill de forma incontestável, aproximam Freud de Stuart Mill tanto quanto o aproximam de vários outros filósofos. Além disso, alguns de seus argumentos na direção contrária aos seus esforços indicariam uma não-comunhão entre esses dois pensadores.

Isso está exemplificado no momento em que o tradutor afirma: “o interesse filosófico de *Entwurf* reside em *modificações essenciais* que Freud introduz em uma concepção empirista clássica, como a de Mill” (p. 207, grifos meus). Gabbi Jr. faz uma relação dessas modificações que incluem conceitos, noções e teses relevantes. Ora, “modificações essenciais” sugere que essas teses, noções e conceitos seminais, portanto, estruturalmente importantes, não estavam presentes na reflexão de Mill. Dessa forma, esse argumento do tradutor nos traz, ao contrário do que anuncia, sinais da diferença entre as idéias de ambos, nunca da semelhança.

A TRADUÇÃO DA PSICANÁLISE

Minha mais primária intenção é mostrar que contornos teve o projeto tradutório de Gabbi Jr. Ao examinar a tentativa do tradutor de desautorizar as leituras dessa

obra feitas por outros estudiosos do texto de Freud, o que se dá nesse processo é a necessidade de se admitir que o texto freudiano, e de resto qualquer texto, só pode oferecer promessas, nunca verdades cristalinas e exatas. Ao discutir a polêmica presença latente ou não da noção de pulsão de morte no princípio da inércia, que Freud usa como elemento organizador de seu modelo neurológico para dar conta das elaborações psíquicas, Gabbi Jr. deixa exposta a falta de garantias, a impossibilidade de apontar no texto, na sua linguagem, as evidências que pudessem garantir os significados que busca.

Neste capítulo, de forma bem mais dramática, está ilustrada a difícil relação do tradutor com o texto freudiano, com seus conceitos e com sua linguagem. A partir da análise das notas do tradutor e do recurso que nomeio de *remissões*, a estratégia que o tradutor usa de remeter o leitor de uma nota a outra traz à tona a forma como o tradutor inevitavelmente está num *double bind*.

Em muitas de suas notas, Gabbi Jr. sugere ao leitor que leia outra ou outras de suas notas, nas quais deverá encontrar explicações mais detalhadas sobre determinado conceito que tenha sido por ele, ali, apenas mencionado. Enquanto expõe suas próprias reflexões, se acaso menciona um ou mais conceitos freudianos, furtando-se de repetir explicações já oferecidas, Gabbi Jr. sugere ao seu leitor que vá até lá, isto é, que leia essa(s) ou aquela(s) nota(s) na(s) qual(is) tais conceitos estão mais detalhadamente expostos, com uma definição mais exaustivamente elaborada pelo próprio tradutor.

No jogo remissivo que Gabbi Jr. propõe ao leitor, as muitas possibilidades de leitura deixam abertas diferentes possibilidades de interpretação. Sua tentativa é de conter e evitar que os sentidos transitem livres, mas as sucessivas remissões e a intrincada teia que produz apenas tornam evidente a fragilidade de seu gesto, mostrando a disseminação produzida, tanto por suas sucessivas tentativas de esclarecimento, quanto pelas diferentes possibilidades de arranjo à disposição do seu leitor. Quando supõe estar represando os conceitos, Gabbi Jr. está, de fato, tornando clara a impossibilidade de estancar sua disseminação. Quanto mais vigorosa a tentativa de manter os significados sob controle, mais robusta a revelação do adiamento constante desse pretendido cerco. Como tentativa de dar conta daquele resto que identifica na linguagem, esse recurso remissivo, traz à tona exatamente o descontrole, o derrame lingüístico, as ampliações, as sucessivas suplementações, a impossibilidade de conter a disseminação dos sentidos e o transbordamento que não se estanca.

O texto original, através de sua linguagem, promete um sentido exato, mas ao mesmo tempo impede sua realização. Na posição de leitor, encontramos-nos sempre diante de um texto e nos lançamos a sua leitura movidos pela ilusão de que sua verdade está aprisionada em seus significantes. É a isso que chamo promessa, a linguagem promete trazer ao leitor essa verdade, mas é uma promessa que nenhuma linguagem pode cumprir. A verdade está, dessa forma, apenas prometida e nunca realizada. Nessa perseguição a uma promessa, o tradutor encontra sempre um resto,

que apenas adia aquele fechamento prometido e nunca realizado. Só o que lhe é permitido é entregar-se a esse jogo proposto pela linguagem no processo de tradução, sofrer o dilema da necessidade e da impossibilidade. É preciso explicar, esclarecer, cercar o sentido, mas só o que se produz é a disseminação, o transbordamento, o descontrole diante das escolhas.

O recurso das remissões ilustra tanto a perseguição dessa promessa, quanto o eterno adiar de um fechamento que se deseja definitivo. Uma unificação que jamais acontece, sempre postergada, sempre diferente.

A despeito de tanta expectativa e de todas as tentativas de Gabbi Jr. de direcionar a leitura de *Entwurf*, seus objetivos escapam à sua tentativa de realização. Mesmo em face de todos os cuidados teóricos, da tentativa de localizar as idéias de Mill na estrutura do *Projeto* e de desautorizar determinadas leituras precipitadas numa obra psicanalítica incipiente, dos cuidados formais, das notas em si e do recurso das remissões, Gabbi Jr. passa ao largo do declarado intuito com o qual se lançou à tradução do texto. Essa distância entre o que propõe e anuncia o filósofo e o que realiza o tradutor Gabbi Jr., longe de revelar incapacidade teórica e tradutória ou equívoco na escolha dos procedimentos e estratégias, com muito mais força, aponta para questões mais complexas e que foram enunciadas no início desse trabalho, quais sejam a relação do tradutor com a língua, do homem com a linguagem em suma e, no caso do tradutor do texto psicanalítico, mais ainda, da relação do tradutor com o corpo teórico da psicanálise. E, por que não dizer, de qualquer leitor em face de um corpo teórico que se supõe formalizado, pronto, coeso e único.

A TRADUÇÃO NA PSICANÁLISE

A partir de uma reflexão de Jacques Derrida em torno do conceito de original em Freud e de um levantamento do conceito de tradução, assim como foi usado metaforicamente por Freud, tanto no plano da linguagem, quanto no interior de sua teorização como um paralelo para as elaborações psíquicas, parto numa trilha reflexiva que analisa a natureza sagrada do texto freudiano. A partir da idéia de que a sacralidade nasce da identificação de um intocável no interior do texto, e que ao resistir à apreensão esse núcleo é o elemento que deflagra o *double bind*, impondo a necessidade de que o traduzam, mas, ao mesmo tempo, interditando essa realização, identificamos aquele resto intocável que move todo e qualquer gesto tradutório. A partir disso, o que acontece é o adiamento infinito da conclusão, um fechamento prometido mas para sempre adiado e diferente.

Ainda nesse terceiro capítulo, faço uma reflexão sobre a natureza particular do que se convencionou chamar “a língua de Freud”, sua decisão de usar uma linguagem cotidiana para anunciar conceitos próprios do campo de conhecimento que inaugurava. Essa particularidade de seu discurso, ao qual Nicholas Abraham deu o nome de *anassemia* (ou *anasemia*, como propõe a tradução do texto *Fors* pelo

prof. Fábio Landa), é mais um elemento complicador nessa relação do tradutor com o texto de Freud. Na tradução de Gabbi Jr. aponto dois momentos em que transparece o desconforto do tradutor para lidar com dois conceitos freudianos. O primeiro são os dois sentidos diferentes da palavra *afeto* no interior da teorização freudiana, e o outro é o verbo *besetzen*. Faço um breve levantamento das diferentes formas como tal conceito é tratado, no texto da *Standart Edition*, no *Dicionário Comentado do Alemão de Freud* de Luís Hanns e na tradução de Gabbi Jr. O que se faz aflorar meu estudo em torno de *Besetzung/besetzen* é o desconforto criado por um resto que resiste a ser capturado pela linguagem das traduções. A despeito de ser unânime a aceitação da legitimidade da tradução de Strachey, seu texto não foi capaz de conter na palavra *catexia* uma sobra eternamente localizada no vocábulo *Besetzung*. Algo do conceito freudiano supostamente encapsulado pela palavra *Besetzung* resiste a todas as tentativas de fechamento. Nenhum dos dicionários, dos vocabulários, dos trabalhos de exegese ou das traduções foi capaz de conter essa disseminação detonada por esse conceito freudiano. Dessa forma, meu exemplo pretende reforçar tanto o argumento de Martim Thom em relação às fissuras cortando os conceitos freudianos, fissuras que trariam à tona diferenças e conflitos próprios da construção teórica da psicanálise, quanto as reflexões de Nicholas Abraham acerca da natureza anassêmica da “língua de Freud”.

O que escapa às tentativas de apreensão em todas as estratégias tradutórias de Gabbi Jr. é o que tanto Derrida quanto Nicholas Abraham indicam como sendo um nó, algo que excede. Um nó que não se permite ser desatado, solucionado, resolvido, que mesmo cortado, como o cordão umbilical, permanece para sempre marcado no corpo, uma cicatriz contra a qual a análise nada pode. Como conclui Derrida, digamos que esse nó não seja unicamente uma resistência, mas algo que excede, uma sobra, um resto não apreensível, que escapa e está sempre acolá.

O que está em jogo nesse nó, no resto, afinal, é o sentido e a verdade, uma verdade intocável que resiste à apropriação, mas que determina sua busca, transformada que é em fantasia imaterial, inominável, insolúvel, transformada numa espécie de lei da tradução, a sobra que demanda que lhe traduzam, mas que não se permite traduzir. O resto que inaugura a dupla lei da tradução, a necessidade e a impossibilidade – a dupla lei, o *double bind*.

Enquanto traduz o original freudiano, Gabbi Jr. depara-se com as línguas com as quais deve negociar, depara-se com a promessa de uma e a interdição e o desamparo da outra. Além disso, depara-se mais dramaticamente ainda com vários conceitos psicanalíticos criados por Freud, depara-se com sua linguagem anassêmica, considerada cotidianamente imprópria para quem constrói um corpo teórico científico, depara-se ainda com um “modo de dizer”, um discurso analógico e alusivo que foi exaustivamente citado por aqueles que refletem sobre a complexidade do traduzir Freud.

Nesse ponto, lancei um questionamento: como traduzir uma linguagem que aponta para o não-sentido? Segundo Abraham, como traduzir uma linguagem que

faz “uma alusão ao não-reflexivo e ao inanimado que induz, com efeito, esse fenômeno inédito e estranho [...] que proporemos chamar pelo nome forjado de *anassemia*” (ibidem, p. 198)? Como traduzir um texto em cujo discurso a linguagem cotidiana, no exemplo que mencionei representado pelas palavras *afekt e Besetzung*, é alçada à condição de linguagem específica de uma área de conhecimento e, por conseguinte, com a missão de guardar conceitos seminais e próprios dessa mesma área? No contexto da psicanálise, traduzir transforma-se então num complexo processo de negociação de significados, um processo de tomada de decisão, de escolhas que não asseguram um fechamento, que não trazem conforto. E são vários os motivos: porque o texto freudiano é sagrado, porque representa o pilar fundador de um campo de conhecimento vasto e importante, porque a linguagem freudiana dá a esse texto um perfil próprio e especial, porque a psicanálise resiste, além de qualquer outro campo de conhecimento, a toda tentativa de fechamento.

A SOBREVIDA DO TEXTO

Como conseqüência da análise das muitas questões envolvidas no acontecimento tradutório, posso tentar localizar nessa dinâmica qual a real tarefa da tradução e do tradutor. Se até aqui expus tudo aquilo que não fazem a tradução e o tradutor, afinal, à guisa de conclusão, meu querer é declarar o que é possível realizar a tradução e o tradutor: se não lhes é dado o poder de trazer a inquestionável e totalmente pura verdade do original, é, no entanto, da tradução que nasce a possibilidade de sobrevida do original. Se o desejo de Gabbi Jr. de apresentar um Freud milliano não é possível como verdade inquestionável, seu projeto materializa um novo fôlego, uma nova leitura, uma nova vida a esse apaixonante texto de Freud.

O que de mais conclusivo ficou dessa dissertação é o que poderia se tornar uma proposta de pesquisa. No encontro entre o tradutor e o texto da psicanálise, duas questões fundamentais saltam aos olhos e é justo a tradução que promove o aflorar dessas questões.

A primeira é o mecanismo do *double bind*, que marca de forma genérica toda relação do tradutor com o original que traduz e, de forma particular, a relação do tradutor com o original freudiano, justamente porque o texto da psicanálise traz em si marcas próprias. A partir da reflexão derridiana, localizamos no tradutor a imposição das duas leis que regem o processo tradutório, a necessidade e a impossibilidade de fazê-lo.

A segunda questão trazida à tona pela tradução é a *anassemia*, uma particularidade que marca o discurso psicanalítico que dá contornos próprios ao corpo teórico da psicanálise fortemente sustentado sobre seus conceitos. Como mostraram Martín Thom e Nicholas Abraham, os conceitos freudianos, que nasceram da forma particular com que Freud construiu seus argumentos, trazem em si a marca da fissura, da descontinuidade da linguagem, da impossibilidade de

fechamento. Nas reflexões de Abraham, os conceitos psicanalíticos, por estarem associados a palavras da linguagem cotidiana, promovem um desconforto, que a tradução revela. Freud, ao furtrar-se de escolher palavras específicas com as quais revestir os conceitos que elaborava, promoveu o que Abraham chamou de “novas figuras de linguagem”, palavras em contínuo processo de des-significação, mas que, ao contrário de receberem significados novos, prestam-se apenas ao processo de transformação, de mera alusão a um referente não palpável, não identificável, apenas apontando a um núcleo inexistente.

Dessa forma, não é por outro motivo que a tradução do texto freudiano suscita reflexões e polêmicas. Ambas envolvem a linguagem, ambas, tradução e a psicanálise, encontram-se no campo onde transitam emoções, desejos, promessas, necessidades prementes e as impossibilidades inquietantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, Nicholas. (1995). A casca e o núcleo. In: *A casca e o núcleo*. Trad. Maria José Faria Coracini. São Paulo: Editora Escuta.
- ARROJO, Rosemary. (1992). *Oficina de tradução - A teoria na prática*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática S.A.
- BERMAN, Antoine. (1992). *The experience of the foreign - Culture and Translation in Romantic Germany*. Translated by S. Heyvaert. State University of New York Press.
- BETTELHEIM, Bruno. (1982). *Freud and the man's soul*, New York: Knopf.
- DERRIDA, Jacques. (1985). Des Tours de Babel. In: *Difference in translation* (Joseph F. Graham ed.) Cornell University Press, pp.165-207.
- _____. (1985a). The ear of the other - Otobiography, transference, translation. (translated by Peggy Kamuf). New York: Schocken Books.
- _____. (1986). Survivre. In: *Parage*. Paris: Éditions Galilée.
- _____. (1971). Freud e a cena da escritura. In: *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz M. N. da Silva. São Paulo: Ed. Perspectiva – Coleção Debates.
- _____. (1979). Me – Psychoanalysis: An Introduction to the Translation of “The Shell and the Kernel” by Nicholas Abraham. In: *Diacritics*, pp.4-12.
- _____. (1998). Resistances. In: *Resistances of Psychoanalysis*. Translated by Peggy Kamuf, Pascale-Anne Brault & Michael Naas. California: Stanford University Press, pp. 1 a 38.
- FERREIRA, Élide Paulina. (1998). *O modelo teórico integral de tradução: entre a necessidade e a impossibilidade*. Dissertação de mestrado. IEL – Unicamp, Campinas, SP.
- FREUD, Sigmund. (1995). *Projeto de uma psicologia*. Trad. Osmyr Faria Gabbi Jr. Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- _____. (1976). *Projeto de uma psicologia*. Tradução de Jayme Salomão. Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. 1, Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
- HANNS, Luiz Alberto. (1998). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

- LAPLANCHE, Jean; COTET, Pierre & BOURGUIGNON, André. (1992). *Traduzir Freud*. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes.
- LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, J.B. (1983). *Vocabulário da psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes.
- MAHONY, Patrick. (1990). *Psicanálise e discurso*. Trad. Raul Fiker e Ricardo P. Lopes. Rio de Janeiro: Imago.
- MICHAUD, Ginette. (1995). Freud: N. do T. ou afetos e fantasmas nos tradutores de Freud. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, nº 25. Trad. SANTOS, Olivia Niemeyer dos e OTTONI, Paulo Roberto, pp.83-95.
- ORNSTON Jr., Darius Gray. (Org.) (1999). *Traduzindo Freud*. Rio de Janeiro: Editora Imago.
- OTTONI, Paulo R. (1994). Tradução: Reflexões sobre desconstrução e psicanálise, texto inédito, apresentado no V Encontro Nacional de Tradutores, UFBA.
- _____. Paulo R. (1998). Introdução à prática da diferença. In: *Tradução: À prática da diferença*. Org. Paulo Ottoni, trad. Olivia Niemeyer, pp.11-8.
- THOM, Martin. (1998). Verneinung, Verwerfund, Ausstossung: Uma questão de interpretação em Freud. Trad. de Érica Lima e Lúcia Kremer. In: *Tradução: A prática da diferença*. Org. Paulo Ottoni, pp.117-142.